

Wilson Britto

Caravelas

Um confronto entre a vida e a morte

© 2012. Britto, Wilson. Todos os direitos reservados para Entrelinhas Editora.

EDITORA

Maria Teresa Carrión Carracedo

PRODUÇÃO GRÁFICA

Ricardo Miguel Carrión Carracedo

REVISÃO

Henriette Marcey Zanini

CHEFE DE ARTE | FINALIZAÇÃO DA CAPA

Helton Bastos

PAGINAÇÃO | CONCEPÇÃO DA CAPA

Robinson Borborema

ASSISTENTE

Walter Galvão

FOTO

BARCO AO MAR: Jefras | Shutterstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Britto, Wilson

Caravelas : Um confronto entre a vida e a morte /
Wilson Britto. -- Cuiabá, MT : Entrelinhas, 2012.

ISBN 978-85-7992-026-4

1. Ficção brasileira 2. Filosofia - Ficção
3. Medo - Ficção 4. Morte - Ficção 5. Psicanálise -
Ficção 6. Psicologia - Ficção I. Título.

12-08043

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

 entrelinhas

Av. Senador Metello, 3773 | Jardim Cuiabá
CEP 78030-005 | Cuiabá/MT

Telefax: 65 3624 5294 / 3624 8711 | editora@entrelinhaseditora.com.br
www.entrelinhaseditora.com.br

*Quem sofre uma des-ilusão profunda
tende a mirar todas as coisas sob outra luz!*

*É trágico e cômico o fato de que a mentira
de que o homem necessita para viver o condena
a uma vida que nunca é realmente sua.
Ele é um eterno ladrão de si mesmo!*

Meu Deus, era tão simples viver. Bastava Viver!

Reconhecimento

Este romance não seria possível se não contasse com as ideias, reflexões, pensamentos, falas de outras mentes, como: os filósofos Epicuro, David Hume, Mathias Aires, Arthur Schopenhauer, Friedrich Nietzsche, Ralph Waldo Emerson, Sören Kierkegaard, Max Scheler, Alan Watts, Bernard N. Schumacher. Os psicanalistas e psicólogos Sigmund Freud, Carl Gustav Jung, Otto Rank, Alfred Adler, Mira y López. Os Mestres Ikkyu, Hakuin, Bhagwan Shree Rajneesh e Ramana Maharshi. Os poetas Fernando Pessoa e T. S. Eliot e a poetisa Florbela Espanca. O cantor e compositor Jacques Brel. A física Danah Zohar e o físico nuclear Amit Guswami. O antropólogo Ernest Becker. O navegador Amyr Klink.

Apresentação

O tema central deste romance gira em torno do *confronto entre a vida e a morte*. O autor, Wilson Britto, trabalha de forma ampla e profunda este confronto existencial. Direcionou ainda esta obra para outros temas existenciais relevantes: a *valorização do viver*; o *fenômeno da morte*; os *desejos humanos* de “ser o outro”, “ser si mesmo” e “ser Si mesmo”; a *figura da transferência*, tão discutida em psicanálise; a *riqueza existencial*, onde o talento é associado ao amor; a *religiosidade*, dentre outros.

Como um ser sempre em busca de um melhor entendimento dos “mistérios” da vida me identifiquei com muitos dos temas tratados, sendo que considero de grande relevância *o confronto entre a vida e a morte*. Hoje, depois de muito meditar e buscar respostas para a razão da vida e da morte, tenho mais temor do nascimento do que do falecimento. O processo que conduz ao nascimento perdura nove meses, participando o feto de quase tudo que ocorre com a mãe. A morte, em si, “não dói”, e leva apenas poucos minutos.

Ao contrário de outras obras que ao tratar de temas existenciais “deprimem”, esta, pelo contrário, engrandece, harmoniza, enriquece. De forma dialética – onde cada tema ao ser retornado amplia a visão do leitor –, inspirado, e não baseado, em uma realidade vivida por um famoso astro da música francesa, o autor percorre uma trajetória chegando a um final que surpreende.

O drama vivido pelo Astro, principal personagem deste romance, parte de um diagnóstico clínico que lhe anuncia que terá somente seis meses de vida, fazendo-o refletir intensamente sobre o fenômeno da vida, da morte, Deus, e sobre sua trajetória como um grande astro envolvido pela fama. Demonstra este romance que o ser humano é caracterizado por dois grandes temores: o temor da morte e o temor da vida, sendo que a angústia básica do homem é a angústia “de” estar no mundo, bem como a angústia “por” estar no mundo: angústias por querer viver e pelo viver. Viver tem o seu peso, a vida tal como ela é: com suas dores, perdas, velhice, morte. Mas possui também incalculáveis recompensas.

O autor nos convida a seguir a trajetória vivida pelo Astro e, no final, entre muitas mensagens, nos faz entender que na vida devemos despertar para três grandes propósitos: “ser Si mesmo”; identificar nosso verdadeiro talento, nosso dom secreto, vocação; e como expressar nosso talento através do amor. Ou seja, como o ser humano pode utilizar suas emoções, suas ideias, sua criatividade para enriquecer a si mesmo e a vida, associando seu talento ao amor.

Em um trecho desta obra faz-se menção ao motivo filosófico de um dos grandes quadros do pintor Eugène-Henri-Paul Gauguin, que em sua tela procura demonstrar três grandes indagações do ser humano: “De onde viemos? O que somos? Para onde vamos?”. Tais indagações a nem todos os indivíduos preocupam. Nem todo ser humano procura entender os grandes mistérios da vida e qual é a finalidade real de sua existência. Muitos em seu viver simplesmente comportam-se como uma folha seca levada sobre as águas de um riacho e se deixam conduzir pelos torvelinhos das águas. Outros, porém, estão em busca de respostas para grandes temas existenciais. Para estes últimos este romance é destinado.

Como é possível abrir mão do colossal fardo de uma vida e relaxar “passivamente” a um Poder e Autoridade Superior? Este é o convite desta obra. Obra que ao ler, como mencionado, muito me identifiquei com os temas, princípios e conceitos trabalhados. Sua leitura esclarece, conforta, beneficia. Por isso a recomendo.

João Castilho Moreno

Presidente do Hospital de Câncer de Mato Grosso

Prólogo

Este é um livro perigoso! Trata-se de um romance de cunho filosófico psicanalítico onde todo o caráter esboçado pelo personagem principal, o Astro, em suas vivências, demonstra *as mentiras da vida com que o ser humano convive e necessita transcender*. Representa graus de mentiras do homem a respeito de si mesmo em relação à realidade da condição humana. O exercício extremamente difícil e incrivelmente sutil pelo Astro vivido é um demonstrativo de como uma pessoa poderia ser – em termos de riqueza existencial – se não mentisse para si e para a vida.

Revela as muitas maneiras pelas quais a vida fica travada, menosprezada, desvalorizada, e fracassa, quando o homem se aparta da realidade de sua condição ser Si mesmo, quando abre mão de seu talento ou deixa de associá-lo a uma riqueza existencial, quando se isola do Processo universal e cava o seu fracasso, quando, finalmente, faz uso de suas transferências para fugir da realidade da vida.

Demonstra a mentira do impasse da impotência, da renúncia, da resignação, do conforto psicológico perverso, da autodestruição. Demonstra, entretanto, como pode ser a verdadeira possibilidade humana em termos de uma vida rica e ampla.

Este romance foi inspirado – não baseado – na vida do compositor, intérprete, cantor e ator, o astro Jacques Brel. Nascido na cidade de Schaerbeek, Bélgica, em abril de 1929, faleceu em outubro de 1978, na

França, aos 49 anos, vítima de um câncer no pulmão. Foi sepultado na Ilha Hiva Oa – Ilhas Marquesas –, cemitério de Atuona, ao lado do pintor Paul Gauguin.

Como em todas as minhas obras procuro trabalhar com temas de grande valor existencial, neste romance o tema principal gira em termos do confronto entre a vida e a morte. O tema morte sempre mereceu a atenção dos filósofos, psicólogos, psicanalistas, homens das ciências, religiosos.

Para os filósofos na Antiga Grécia o tema “morte” já se apresentava como uma prioridade. Epicuro, em sua *Carta a Meneceu*, insere sua famosa tese do “nada da morte”, cujo objetivo seria eliminar o medo da morte.

Para preservar sua felicidade, o homem ocidental contemporâneo se programou para jamais pensar na morte, e mais precisamente na própria morte, ao negá-la de qualquer modo pelo expediente de silenciar a seu respeito. Proviria esse desvio do olhar de uma apreensão diante da morte? Seria um deslocar da atenção de que descartaria as questões radicais sobre o sentido e o fundamento derradeiro da vida humana para se concentrar nos problemas particulares?

O tempo por mim dedicado pesquisando o tema “morte” não só serviu para suavizá-lo, compreendê-lo melhor, esclarecendo alguns pontos e dissipando vários conceitos errôneos sobre o mesmo, como, e principalmente, foi de enorme valor para adquirir um conceito mais amplo e rico sobre a vida. O que é a morte? É um mal? Qual a causa da revolta dos homens contra a morte? O que se reconhece da morte que não se deixa experimentar; ou seja, o que a morte realmente nos tira ou nos priva? E a questão principal: é possível considerar como um mal toda limitação, mesmo a mortalidade que é normal à espécie?

Paralelamente ao confronto entre a vida e a morte outros temas de profunda importância foram tratados: o *medo*, em seus diferentes aspectos; a *angústia ou desespero existencial* entre o ser “o outro”, ser “si mesmo” e o ser “Si mesmo”; a *riqueza existencial*, quando o indivíduo faz adequado uso de seu talento associado ao amor; a *mentira vital* que leva o ser humano a fazer uso da *transfêrência*. Tais temas foram trabalhados de forma dialética.

Oportuno é esclarecer que a forma dialética na condução de uma ideia induz a repetições que podem até provocar impaciência no leitor. Este é o preço a ser pago, pois o método dialético solicita que o mesmo tema fundamental seja pensado e repensado em níveis diferentes de inteli-

bilidade. Assim, algumas repetições temáticas têm o propósito de aprofundar a compreensão, permitindo ao leitor a internalização dos temas ao acompanhar de perto as vivências e o drama vivido pelo personagem.

A fim de superar seu sentimento de angústia, de impotência, de seu vazio interior, de pobreza existencial, o homem tende a escolher um objeto no qual projeta, transfere, todas as suas qualidades humanas: sua paixão, sua inteligência, sua coragem, sua dedicação. Ao submeter-se a esse objeto, ele se sente em contato com suas próprias qualidades; sente-se forte, inteligente, corajoso, seguro ou protegido. E, neste ponto, o homem crê que o mundo gira ao seu redor.

Perder o objeto de transferência significa nada menos que perder a si mesmo. Esse mecanismo, a adoração idólatra de um objeto – seja pessoa, local, arte, profissão – baseado no fato da alienação individual, é o dinamismo central da transferência, aquilo que dá à transferência sua força, a sua intensidade. Transferência é causalidade, motivação. Um motivo significativo na vida para seguir em frente.

Neste romance tive que fazer amplo uso das ideias de grandes pensadores. É ainda costume pensar que há uma rígida diferença entre ciência e crença, e que filosofia, psicologia, psicoterapia, ciência e religião estão muito distantes. Verifica-se, porém, que as perspectivas dessas áreas quanto à realidade estão intimamente relacionadas. Elas se reforçam mutuamente.

Muito do que se apresenta nos livros como romance nos inspira um interesse ridículo. Serve somente para entreter. Em seu término, encontra-se o leitor na mesma posição quando do início de sua leitura: pouco ou nada houve de enriquecedor, sequer uma ideia ou um impulso virtuoso.

A inspiração na vida de um astro, neste romance, é apenas o pano de fundo para uma reflexão profunda sobre temas existenciais de grande valor para a vida dos homens. Este é meu propósito.

Wilson Britto

Tragédia	21
Fuga	35
Discórdia	55
Ne Me Quitte Pas	65
Confrontos	77
Adeus às Armas	121
Hiva Oa	135
O Belo	167
O Grande Ladrão	183
Comédia	207

Caravelas

*Cheguei a meio da vida já cansada
De tanto caminhar! Já me perdi!
Dum estranho país que nunca vi
Sou neste mundo imenso a exilada.*

*Tanto tenho aprendido e não sei nada.
E as torres de marfim que construí
Em trágica loucura as destruí
Por minhas próprias mãos de malfadada!*

*Se eu sempre fui assim este mar morto
Mar sem marés, sem vagas e sem porto
Onde velas de sonhos se rasgaram!*

*Caravelas doiradas a bailar..
Ai quem me dera as que eu deitei ao Mar!
As que eu lancei à vida, e não voltaram!...*

Florbela Espanca¹

1 Poema do *Livro de Sôror Saudade*, de Florbela Espanca, editado em Lisboa em 1923 pela Tipografia A Americana. Este poema foi musicado e gravado por Mariza, fadista portuguesa, no álbum *Fado Curvo* (2003).

Tragédia



Consolos

O Astro acabara de receber um diagnóstico assustador. Sua tosse persistente, que a princípio encarara como um simples incômodo proveniente do uso imoderado do cigarro, tinha como causa um tumor maligno no pulmão. Assim dizia o diagnóstico médico. Tumor detectado em um estado bastante avançado. A notícia transmitida por seu Médico, amigo, foi recebida como um “soco no estômago”. Abaixou a cabeça, fitou o chão, permaneceu em um estado de mudez.

Seu Médico, profissional acostumado com os dramas vivenciados por seus pacientes, pouco tinha para lhe dizer. Tratava-se de um paciente especial. Era uma pessoa Amiga. Era um astro famoso. Em plena rota de sucesso. E jovem. Muito jovem para partir!

— Quer dizer, doutor, que estou com um câncer no pulmão, em estado avançado, e que possuo não mais que seis meses de vida? – indagou o Astro, não acreditando no diagnóstico.

— Sim – Respondeu o Médico, com a voz afetada.

Silêncio...

O Astro nascera em Schaerbeek, Bélgica, no final da década dos anos vinte. Mas foi em Paris que desenvolveu sua carreira, como cantor, compositor, ator e diretor de cinema. Recebera prêmios por seu talento reconhecido. Pela força, poesia e atualidade de suas inúmeras canções. Apresentou-se nos palcos do mundo: Estados Unidos, Rússia, Médio Oriente, Europa. Tinha um mundo pela frente, pleno de possibilidades.

Sua obra foi traduzida para o inglês, holandês, espanhol, russo, português, e diversos outros idiomas, sendo interpretada em toda a Europa.

Era um marco fundamental na música francesa, juntamente com seus contemporâneos George Brassens, Yves Montand, Edith Piaf.

Original, inconformado, revolucionário, marcou toda uma geração na França em letras de lirismo e elaboração extraordinária. Suas melodias eram envolventes, contagiantes, explosivas. No palco era um ator musical que vivia cada música de um modo impressionante. Cada interpretação era uma peça de teatro. Arrancava aplausos das multidões. Era um ídolo incontestado. Apreciava e desfrutava de toda a fama.

Além de talentoso era de um profissionalismo admirável. Ensaiaava exaustivamente todos os momentos de seus shows. Dizia que talento era vontade de fazer alguma coisa e não a habilidade em si. Com o trabalho incansável, afirmava, a pessoa pode atingir seus objetivos.

Depois de 15 anos e mais de vinte milhões de discos vendidos, decidira agora abandonar a carreira de cantor, afirmando que era tempo de enfrentar novos desafios. A música tinha se tornado uma rotina. Para ele isso era insuportável. Como um perfeccionista, tinha a necessidade crônica de enfrentar novos desafios. Havia se lançado, há pouco, na carreira de ator, com sucesso, e tinha como planos se tornar um grande diretor de cinema, embora não pretendesse deixar totalmente de lado a música, sua arte!

— Doutor – insistiu o Astro –, nada poderá ser feito?

— Estamos nos anos setenta – enfatizou o Médico –. Foi diagnosticado que você possui um cancro em seu pulmão esquerdo em estado já muito avançado, como mencionado. Uma ablação poderia ser tentada. Mas mínimas são as chances de um bom resultado.

O Médico, oncologista já calejado com longos anos de atuação profissional, sabia que a esta altura um tratamento conforme programas de químicos e radioterapias somente poderia resultar em desconfortos de todos os tipos. Segundo os exames realizados, tratava-se de uma situação de caráter irreversível.

— Seis meses... – balbuciou o Astro.

O Médico permaneceu em silêncio. Em realidade nada tinha para dizer. Mormente, em tais circunstâncias, apela-se para frases com o cunho de consolo.

Porém ele tinha plena consciência das limitações do ato do “consolo”. *Das palavras vazias em tais circunstâncias*. Do ato da fala que mais maltrata que cura; que mexe e aumenta a ferida. Possuía o silêncio que advém das línguas cansadas.

As dificuldades na real percepção da dor do próximo se pendem ao fato de não se entender que a cada qual é dado, antes de tudo, o conhecimento apenas e limitado de suas próprias vivências, pois entre elas o conhecimento se restringe somente a uma parte dessas vivências. O homem é um eterno ignorante sobre os sentimentos que permeiam suas próprias experiências. Em se tratando do “outro”, no distanciamento, a distorção se faz maior.

A questão é como distinguir a “minha” parte da outra parte, já que a cada um é facultado somente viver sua própria vivência.

A maneira que normalmente o ser utiliza para resolver isso é através dos raciocínios por analogias, concluindo a percepção de situações expressivas iguais às suas, vividas em consequência de suas atividades como “ser individual”. Simplesmente presume-se a existência de igual sentimento em outro “eu” próximo.

Pela analogia a pessoa procura apreender uma existência que se encontra fora dela. Mas sua apreensão, de modo geral, chega somente à identificação com os fenômenos sensíveis conforme o grau em que logram se apresentar nas expressões do “outro”. Pode-se simplesmente pela analogia “aproximar”. O “eu” e o “outro” são seres distintos. Mormente há um abismo entre ambos. Há léguas de distância. A analogia somente poderia ter um efeito na medida em que o “outro” fosse igual a “mim”. E não é!

Sabe-se que não só existem indivíduos psíquicos distintos, como também jamais será possível penetrar em sua essência verdadeira. Cada qual só pode pensar seus próprios pensamentos, sentir seus próprios sentimentos, vivenciar as suas próprias emoções. Sentem-se os próprios sentimentos, e não os do "outro". O falso dever moral, a religião, tenta resolver isso com o sentimento de culpa. Mas a verdade nua e crua é que, infelizmente, à pessoa preocupa mais a febre de seu filhinho no quarto ao lado que a fome que mata milhares de crianças em um país africano longínquo.

Mas, como é possível uma percepção de uma vida psíquica alheia? É possível perceber em si mesmo a vida do outro?

É uma falha fundamental das teorias que querem simplificar o processo de projeção afetiva do conhecimento do “eu” alheio: o inclinar-se